



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

ENSINO DE FILOSOFIA: ATITUDE FILOSÓFICA EM SALA DE AULA

Matheus Adonay Frazão Batalha – UFJF/MG

RESUMO

O presente trabalho aborda a trajetória da disciplina de Filosofia na educação brasileira, destacando seu afastamento do currículo durante a ditadura militar e o reflexo desse ato nos discursos capitalistas infiltrados na educação. A Filosofia é essencial para desenvolver o pensamento crítico e promover uma educação emancipadora, desafiando os interesses da classe dominante que se favorece de um ensino técnico e pragmático. A fundamentação teórica se baseia em Paulo Freire (1967, 1970), cuja pedagogia dialógica e libertadora propõe uma educação como prática de liberdade e transformação social. Freire enfatiza a importância do diálogo e da reflexão crítica como meios de superar a educação bancária, que apenas transmite conteúdo sem contexto social relevante. A Atitude Filosófica é apresentada como central nesse contexto, inspirada na obra de Platão e em conceitos contemporâneos como os de Marilena Chauí (1995) e Vannucchi (1977). Esta atitude envolve questionar o senso comum, investigar profundamente as questões fundamentais da existência e buscar transformações constantes na realidade através do diálogo autêntico. A metodologia proposta inclui revisão bibliográfica, entrevistas com professores e alunos do ensino médio e participantes do PIBID, além da proposição de investigação-ação. Essas etapas visam não só entender como a Atitude Filosófica pode ser integrada na prática educacional, mas também promover uma educação crítica e transformadora. Portanto, o estudo destaca a importância de uma abordagem filosófica na educação para formar cidadãos capazes de pensar criticamente e agir de maneira consciente e responsável na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Filosofia na Educação, Atitude filosófica, Pedagogia Crítica

INTRODUÇÃO

Durante a história da educação brasileira, a disciplina de Filosofia sofreu uma volatilização em seu exercício permanecendo proibida por mais de 30 anos. Em 1971, com a publicação da lei 5.692, no período da ditadura militar, foi definitivamente afastada do currículo das escolas públicas “por ser considerada perigosa para a manutenção da ordem política e social do país” (BELIERI e SFORNI, 2012, p. 24). O perigo supramencionado é em virtude da capacidade indissociável que a Filosofia tem na construção do pensamento crítico, e em sua consequência intrínseca, desenvolver uma educação emancipadora. Evidentemente que esses interesses entram em conflito com a assim denominada “classe dominante”, uma vez que o pensamento crítico de uma população faz mudanças diretas nas relações políticas de uma sociedade. Isso nos mostra que está cada vez mais difícil elaborar soluções para os problemas que enfrentamos em nosso mundo prático, principalmente porque a educação é uma ferramenta



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

poderosa e vorazmente reprimida por dispositivos capitalistas, que leva os alunos a ideia de trabalhos informais como uma espécie de libertação, quando apenas trata-se de reduzi-los a atividades sem garantias trabalhistas e à identidade de “empreendedores”, não mais cidadãos. A exemplo disso, temos a estrutura da contrarreforma do “Novo” ensino médio, que construiu uma pedagogia de competências herdando um problema central na concepção tradicional de educação que se baseia em conceitos positivistas e tecnicistas industriais:

[...] composição esta que redundou em currículos fragmentados em disciplinas e desarticulados da prática social; em práticas pedagógicas centradas na eficiência de métodos e técnicas; e em Finalidades educativas orientadas pela transmissão a-históricas de conteúdos [...] (RAMOS, 2016, p. 60)

A dificuldade presente em se utilizar de problemas práticos contemporâneos e cotidianos do mundo dos alunos em sala de aula, sem se utilizar da ferramenta da Atitude filosófica, se constitui em um desafio, haja vista que são “mundos” distintos segundo cada cultura, classe social e localização da instituição de ensino, e é uma das preocupações centrais desse texto, dado que a educação é frequentemente reprimida por interesses capitalistas, dimensões mais subjetivas são deixadas de lado no planejamento das aulas.

METODOLOGIA

No enorme universo de educadores brasileiros é Paulo Freire quem diz em poucas palavras fatos essenciais e densos. Em sua frase: “Estudar é um dever revolucionário!” (1989, p. 33), condensa em uma só sentença o objetivo e o meio pelo qual a transformação de toda uma sociedade é possível e é um dever de todos. Por um caminho viável onde a justiça é o esteio e a educação é a protagonista, a atitude filosófica é a ferramenta central da mudança. A revolução começa nessa atitude. Trago como exemplo Platão que, em A república, “nos transmitiu suas palavras pela boca de Sócrates” (STENZEL, 2021, p. 11) e através disso construiu a cidade ideal com uma proposta de educação atrelada ao Estado. A obra inteira é dedicada à construção dessa cidade, do governo, do cidadão e de suas leis, por meio do diálogo.

Por tradição e necessidade, todos os seres humanos são contestadores, e não há nada mais filosófico do que contestar teses partir de leituras lúcidas, galgando o caminho e o projeto de uma nova filosofia e, por consequência, uma nova sociedade. Ainda nessa discussão, “como o conteúdo platônico é tão importante, esquecemos muitas vezes que a real intenção de Platão consistia sempre também em sublinhar a relevância do modo de entender” (STENZEL, 2021, p.12), e evidencia nesse modo, que os caminhos são tão importantes quanto a finalidade em si.

Entretanto é necessário um impulso inicial, uma atitude que, por si só, eleve o indivíduo a pensar a partida para este caminho. Neste trabalho apresentamos breve revisão bibliográfica para identificar autores que tratam do conceito de atitude filosófica, pesquisando quais outros conceitos se articulam com o mesmo. Posteriormente, entrevistaremos professores do ensino médio, alunos da graduação que são ou foram participantes do Programa de Iniciação à docência (PIBID) indagando-os sobre como compreendem e se articulam esse conceito na prática do ensino de Filosofia.

Proporemos ainda um grupo de investigação-ação, em um “processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela” (TRIPP, p. 443, 2005.), para realizar planejamentos de aulas baseados na perspectiva teórica supramencionada. Através dos dados coletados durante essas atividades poderemos assim desenvolver uma pesquisa baseada no mundo real.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os artigos científicos investigados até o momento, podemos inferir que nos moldes metodológicos o termo ensino-aprendizagem é uma dicotomia que engessa o processo educacional do indivíduo, enrijecendo a compreensão de educação como uma construção pronta e bancária:

A educação não é algo que se possa fazer de fora para dentro da pessoa, como uma imposição. Não é um construir sistemático e científico a priori de um grupo de entendidos no assunto que propõe algo como “roupa feita”, ou, como dizem os franceses “Prêt-à-porter”. (...) A educação é uma realidade vital, condicionada por circunstâncias concretas e chamada a superá-las a partir da própria situação em que o sujeito da educação se encontra. Não existe educação, mas sujeitos de educação(...) (ESCALONA, 1983, p. 35)

Somente uma educação dialógica põe fim nessa dicotomia e só pode ser acessada por uma atitude filosófica. Entendemos, até agora, o termo nas palavras de Chauí, tendo duas características vitais:

A primeira característica da atitude filosófica é negativa, isto é, um dizer não ao senso comum, aos pré-conceitos, aos pré-juízos, aos fatos e às ideias da experiência cotidiana, ao que “todo mundo diz e pensa”, ao estabelecido. A segunda característica da atitude filosófica é positiva, isto é, uma interrogação sobre o que são as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os comportamentos, os valores, nós mesmos. É também uma interrogação sobre o porquê disso tudo e de nós, e uma interrogação sobre como tudo isso é assim e não de outra maneira. O que é? Por que é? Como é? Essas são as indagações fundamentais da atitude filosófica. (CHAUI, 1995, p.9)

É de fundamental importância que o processo educacional passe por esse empenho para que haja a transformação constante da realidade. Isso é agir. Esse empenho baseia-se na reflexão-ação que corresponde a práxis:

Para ser autêntico só pode ser dialógico. E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade (FREIRE, 2001, p. 39).

Exatamente a ausência deste empenho, ou atitude, empobrece a prática do ensino de Filosofia, esta que deveria ser intimamente ligada à realidade dos alunos. Se faz necessário criar lugares onde haja o exercício de construção comprometido com a transformação. Isso é, de fato, um desafio, entretanto, reflete em nossa experiência complexa como seres humanos, que é existir, pensar e viver no mundo; percurso esse que nos enche de admiração e curiosidades. É justamente desta admiração que Vannucchi (1977), em seu livro *“Filosofia e ciências humanas”*, nos diz quando assegura que o saber filosófico nasce desta admiração, que é uma espécie de assombro. A partir da surpresa de ser que nos questionamos: “Que somos nós? Onde viemos? Para onde vamos? Que é tudo isso que nos cerca no mundo? Qual meu lugar no universo?” (VANNUCCHI, 1977, p. 27). Essa atividade pode ser encarada por muitos como inútil. E de fato, “a filosofia não pode ser tocada, não pode ser vendida, não é um objeto, ou seja, trata-se de uma coisa inútil” (VANNUCCHI, 1977, p. 8).

A filosofia tem sido comparada pelo senso comum com relação à sua utilidade por décadas. O labor filosófico é reduzido a uma menoridade quando posto ao lado dos que têm certo fascínio pelo “sucesso” do ensino técnico e das ciências mais “empíricas”, e não se atentam; ou simplesmente ignoram intencionalmente; que a atividade da filosofia não tem propriamente fronteiras tão definidas, haja vista que “filósofo a partir do momento em que faço um discurso sobre o discurso do historiador, do físico, do político, da empregada, etc. Assim, este segundo discurso é inevitavelmente crítico” (VANNUCCHI, 1977, p. 8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo como o conceito de atitude filosófica pode ser implementado na prática educacional do mundo real das escolas, promovendo uma educação transformadora e crítica que se contraponha aos modelos educativos hegemônicos, sem deixar de lado metodologias e procedimentos relacionados ao dia a dia da escola, alcançaremos uma educação baseada na



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

libertação. Através da revisão bibliográfica, identificamos teóricos que oferecem um arcabouço robusto para a análise crítica da educação, destacando a importância de uma abordagem filosófica e dialógica que promova a transformação social e a formação de cidadãos críticos e emancipados.

Dessa forma, nas próximas etapas da pesquisa buscaremos compreender processos que possibilitem impactar a prática educacional, através do que denominamos atitude filosófica, de forma a contribuir para a formação de uma nova geração de indivíduos críticos, engajados e capazes de influenciar positivamente a sociedade em que vivem.

REFERÊNCIAS

BELIERI, C. M.; SFORNI, M. S. de F. **O ensino de filosofia na atual LDB e nas Orientações Curriculares do Ensino Médio: uma tensão entre conteúdo escolar e o desenvolvimento humano.** *Revista do NESEF Filosofia e Ensino*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 24, out./nov./dez. 2012/jan. 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Ática, 1995.

ESCALONA, Sara López. **Antropologia e educação.** São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

RAMOS, Marise Nogueira. **Políticas educacionais: da pedagogia das competências à pedagogia histórico-crítica. Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar.** São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 1, p. 59-76, 2016.

STENZEL, Julius. **Platão Educador.** 1ª ed. Campinas, SP: Kírion, 2021.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** *Educação e pesquisa*, v. 31, p. 443-466, 2005.

VANNUCCHI, Aldo. **Filosofia e ciências humanas.** São Paulo: Ed. Loyola, 1977.